

ARTHUR CONAN DOYLE

# SHERLOCK HOLMES



ARTHUR CONAN DOYLE

# SHERLOCK HOLMES

## O SIGNO DOS QUATRO

TRADUÇÃO  
MONIQUE D'ORAZIO



Principis

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA  
PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

D754s

Doyle, Arthur Conan 1859-1930  
O signo dos quatro / Arthur Conan Doyle ; traduzido por  
Monique D'Orazio. - Barueri, SP : Principis, 2019.  
160 p. ; 16cm x 23cm. - (Sherlock Holmes)

Tradução de: The sign of the four  
ISBN: 978-85-94318-16-9

1. Literatura juvenil. 2. Detetive. 3. Aventura. 4. Mistério. I.  
D'Orazio, Monique. II. Título. III. Série.

2018-530

CDD 028.5  
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
Editora e Distribuidora Ltda.

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Produção editorial e projeto gráfico: Ciranda Cultural

Tradução: Monique D'Orazio

Diagramação: Project Nine Editorial

Revisão: Project Nine Editorial e Edson Nakashima

1ª edição revista em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# Sumário

A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO – 7
A EXPOSIÇÃO DO CASO – 18
EM BUSCA DE UMA SOLUÇÃO – 25
A HISTÓRIA DO HOMEM CALVO – 32
A TRAGÉDIA DE PONDICHERRY LODGE – 45
SHERLOCK HOLMES FAZ UMA DEMONSTRAÇÃO – 55
O EPISÓDIO DO BARRIL – 66
OS IRREGULARES DE BAKER STREET – 81
UMA PAUSA NA CADEIA – 94
O FIM DO SELVAGEM – 107
O GRANDE TESOURO DE AGRA – 119
A ESTRANHA HISTÓRIA DE JONATHAN SMALL – 127



# Capítulo 1

## • A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO •

**S**herlock Holmes pegou o frasco de cima da lareira, e a seringa hipodérmica, do elegante estojo de marroquim. Com os dedos longos, brancos e nervosos, ajustou a agulha delicada e dobrou para trás a manga esquerda da camisa. Por algum tempo, seus olhos pousaram cuidadosamente sobre o antebraço musculoso e o punho, pontilhados e marcados pela cicatriz de inúmeras perfurações. Por fim, espetou a ponta no lugar certo, pressionou o pequeno êmbolo, e se afundou na poltrona forrada de veludo com um longo suspiro de satisfação.

Três vezes ao dia, durante muitos meses, eu havia testemunhado tal cena, porém o hábito não me conformava. Pelo contrário, dia a dia eu ficava mais irascível com a visão, e minha consciência me incomodava todas as noites com o pensamento de que me faltava a coragem para protestar. De novo e de novo eu registrara um voto de que deveria livrar minha alma desse assunto, mas havia algo indiferente e frio nos modos do meu companheiro que o tornavam uma pessoa de que ninguém pensaria em se aproximar com tal liberdade. Suas grandes faculdades, seus modos magistras, e a experiência que eu tivera de

suas muitas qualidades extraordinárias – tudo me inibia e me impedia de contrariá-lo.

No entanto, à tarde, talvez pelo Beaune que eu havia bebido com o almoço ou pela exasperação adicional produzida pela deliberação extrema de sua atitude, eu de repente senti que não poderia mais suportar.

– Qual é hoje? – perguntei. – Morfina ou cocaína?

Languidamente, ele levantou os olhos do volume encadernado em couro que abria.

– É cocaína – disse –, uma solução de sete por cento. Gostaria de experimentar?

– Não, de forma alguma – respondi, bruscamente. – Meu corpo ainda não superou a campanha afegã. Não posso me dar ao luxo de fazer nenhum esforço adicional.

Ele sorriu para minha veemência.

– Talvez você esteja certo, Watson. Creio que a influência é má para o físico. Acho-a, no entanto, capaz de um estímulo tão transcendente e esclarecedor para a mente, que o efeito secundário é uma questão de importância menor.

– Mas considere! – pedi, com sinceridade. – Considere o custo! Seu cérebro pode, como você diz, ficar desperto e excitado, mas é um processo mórbido e patológico que envolve o aumento da mudança nos tecidos e pode, ao fim, deixá-lo com uma fraqueza permanente. Você também já conhece a reação negra que recai sobre você depois. Decerto, o jogo não vale a pena. Por que, por um mero prazer passageiro, você arriscaria a perda dessas grandes habilidades com as quais foi agraciado? Lembre-se de que falo não apenas como um companheiro ao outro, mas como um médico a um homem por cuja saúde ele é, em certa medida, responsável.



Ele não pareceu ofendido. Pelo contrário, uniu a ponta dos dedos e apoiou os cotovelos nos braços da poltrona, como alguém que tem gosto pela conversa.

– Minha mente rebela-se contra a estagnação – confidenciou. – Dê-me problemas, dê-me trabalho, dê-me o criptograma mais confuso ou a análise mais intrincada, e eu estarei na minha atmosfera própria; poderei, então, dispensar os estimulantes artificiais. Mas abomino a rotina maçante da existência. Imploro pela exaltação mental. Foi por isso que escolhi minha própria profissão, ou melhor, eu a criei, pois sou o único no mundo.

– O único detetive particular? – perguntei, levantando as sobrancelhas.

– O único detetive consultor particular – ele evidenciou. – Sou a última e mais alta corte de apelação na arte investigativa. Quando Gregson, Lestrade ou Athelney Jones não sabem mais como proceder, o que, por sinal acontece com frequência, a questão me é apresentada. Eu examino os dados, como um perito, e pronuncio a opinião de um especialista. Não reivindico nenhum crédito em tais casos. Meu nome não figura em nenhum jornal. O trabalho em si, o prazer de encontrar um campo para meus poderes peculiares, é minha maior recompensa. Mas você presenciou meus métodos de trabalho no caso de Jefferson Hope.

– Sim, é verdade – disse eu, cordialmente. – Nunca fiquei tão impressionado com nada na minha vida. Eu mesmo dei corpo ao caso numa pequena brochura com o título um tanto fantástico de *Um estudo em vermelho*.

Holmes balançou a cabeça com tristeza.

– Dei uma olhada – iniciou. – Sinceramente, não posso felicitá-lo a respeito. A detecção é, ou deveria ser, uma ciência

exata, e deve ser tratada da mesma forma fria e sem emoção. Você tentou tingi-la de romantismo, o que produz o mesmo efeito que se tivesse incluído uma história de amor ou uma fuga amorosa dentro da quinta proposição de Euclides.

– Mas o romance estava presente – protestei. – Eu não poderia temperar os fatos.

– Alguns fatos devem ser suprimidos ou, pelo menos, deve-se observar um sentido de proporção justa ao se tratar deles. O único ponto no caso que mereceu menção foi o curioso raciocínio analítico dos efeitos às causas por meio do qual obtive sucesso em desvendar o mistério.

Fiquei irritado com essa crítica a uma obra que fora especialmente concebida para agradá-lo. Confesso, além disso, que também me irritei com o egocentrismo que parecia exigir, a cada linha do meu panfleto, a obrigação de ser dedicada às suas ações especiais. Mais de uma vez, durante os anos em que vivi com ele em Baker Street, observei uma pequena vaidade subjacente nos modos quietos e didáticos do meu companheiro. Não fiz nenhum comentário, no entanto, mas fiquei cuidando da minha perna ferida. Havia sido atravessada por um projétil de jezail algum tempo antes, e, embora não me impedisse de caminhar, causava-me uma dor desgastante cada vez que o clima mudava.

– Minha prática estendeu-se recentemente para o continente – informou Holmes, depois de um tempo, enchendo de fumo o velho cachimbo de urze-branca. – Na semana passada, fui consultado por François Le Villard, que, como você provavelmente sabe, entrou em evidência no serviço francês de detetives. Ele tem todo o poder celta da intuição rápida, mas lhe falta a ampla gama de conhecimento exato que é essencial

para os desenvolvimentos mais elevados de sua arte. O caso versava sobre um testamento e possuía algumas características de interesse. Fui capaz de lhe indicar dois processos similares, um em Riga, em 1857, e outro em St. Louis, em 1871, que lhe sugeriram a verdadeira solução. Aqui está a carta que recebi esta manhã em reconhecimento à minha ajuda. – Ele jogou, enquanto falava, uma página amarrotada de papel de carta estrangeiro. Passei os olhos sobre a folha, captando uma profusão de notas de admiração, com dispersos *magnifiques*, *coup-de-mâitres* e *tours-de-force*, todos atestando a admiração fervorosa do francês.

– Ele fala como um aluno a seu mestre – reconheci.

– Ah, ele exagera a importância da minha assistência – redargui Sherlock Holmes, despreocupado. – Ele tem dons próprios consideráveis. Possui duas das três qualidades necessárias para o detetive ideal. Tem o poder da observação e o da dedução. Só lhe falta o conhecimento; mas esse pode vir com o tempo. Ele agora está traduzindo minhas pequenas obras para o francês.

– Suas obras?

– Oh, você não sabia? – exclamou com uma risada. – Sim, sou o culpado de várias monografias. São todas sobre assuntos técnicos. Aqui, por exemplo, está uma: *Sobre a distinção entre as cinzas de vários tipos de tabaco*. Nela eu enumero cento e quarenta tipos de charuto, cigarro e tabaco de cachimbo, com gravuras coloridas para ilustrarem a diferença nas cinzas. É um ponto que continuamente ressurge nos julgamentos criminais, e que, às vezes, é de suprema importância como pista. Se você pode afirmar em definitivo, por exemplo, que um assassinato foi cometido por um homem que fumava um *lunkah* indiano, isso obviamente estreita o campo de pesquisa.

Para o olho treinado, há tanta diferença entre as cinzas negras de um tabaco Trichinopoly e a lanugem branca de um tabaco *bird's-eye*, como há entre um repolho e uma batata.

– Você tem um talento extraordinário para minúcias – comentei.

– Aprecio sua importância. Aqui está minha monografia sobre o traçado das pegadas, com algumas observações sobre os usos de gesso de Paris como um preservador da impressão. Aqui, também, há um pequeno trabalho curioso sobre a influência de cada ofício para o formato da mão, com litotipos das mãos de telheiros, marinheiros, corticeiros, tipógrafos, tecelões e polidores de diamante. Essa é uma questão de grande interesse prático para o detetive científico... Em particular em casos de corpos não reclamados, ou para descobrir os antecedentes dos criminosos. Mas estou cansando você com meu passatempo.

– Nem um pouco – respondi, com sinceridade. – É do meu maior interesse, especialmente desde que tive a oportunidade de observar a aplicação prática. Mas você falou há pouco de observação e dedução. De fato, até determinado ponto, um implica o outro.

– Ora, dificilmente – ele respondeu, recostando-se luxuosamente na poltrona, e produzindo grossas espirais azuladas com o cachimbo. – Por exemplo, a observação me mostra que você foi ao correio de Wigmore Street esta manhã, mas a dedução me informa que você foi até lá despachar um telegrama.

– Certo! – concordei. – Certo nos dois pontos! Mas confesso que não vejo como você chegou a isso. Foi um impulso repentino da minha parte, não mencionei a ninguém.

– É a própria simplicidade – observou ele, rindo da minha surpresa. – Tão absurdamente simples que uma explicação é

supérflua; e ainda pode servir para definir os limites da observação e da dedução. A observação me diz que você tem uma pequena mancha avermelhada no peito do pé. Logo em frente à agência da Wigmore Street, tiraram o calçamento e, com isso, jogaram terra vermelha de tal forma que é difícil não pisar nela ao entrar na agência. A terra é de um tom avermelhado peculiar, não encontrado, até onde eu sei, em nenhum outro lugar na vizinhança. Isso tudo é observação. O resto é dedução.

– Então como deduziu o telegrama?

– Ora, é claro que eu sabia que você não tinha escrito uma carta, pois fiquei aqui sentado na sua frente durante toda a manhã. Também vejo em sua escrivaninha aberta ali que você tem uma folha de selos e um grosso maço de cartões-postais. Para que então você iria ao correio, senão para um telegrama? Elimine todos os outros fatores e o que sobra deve ser a verdade.

– Nesse caso, certamente é – respondi, depois de pensar um pouco. – A questão, como diz, porém, é das mais simples. Você me consideraria impertinente se eu pusesse suas teorias à uma prova mais severa?

– Pelo contrário – ele respondeu –, isso me impediria de tomar uma segunda dose de cocaína. Eu ficaria muito contente de analisar qualquer problema que você possa me apresentar.

– Ouvi você dizer que é difícil um homem ter qualquer objeto de uso diário, sem que deixe nele a marca de sua individualidade, de tal forma que um observador treinado pode lê-la. Agora, tenho aqui um relógio que caiu em minhas mãos recentemente. Teria a bondade de me dar sua opinião sobre a personalidade ou os hábitos do falecido proprietário?

Entreguei-lhe o relógio com uma ligeira sensação de divertimento no coração, pois o teste era, como eu pensava,

impossível, e eu pretendia que fosse uma lição contra o tom um pouco dogmático que ele assumia em certas ocasiões. Ele equilibrou o relógio na mão, fitou o visor, abriu a parte de trás e analisou a engrenagem, primeiro a olhos nus e depois com uma poderosa lente convexa. Mal pude deixar de sorrir para seu rosto cabisbaixo quando ele por fim fechou a tampa e o devolveu a mim.

– Quase não existem dados – observou. – O relógio foi limpo recentemente, o que me priva dos fatos mais sugestivos.

– Você está certo – respondi. – Foi limpo antes de me ser enviado.

No meu coração, acusei meu companheiro de apresentar uma desculpa muito esfarrapada e impotente para encobrir seu fracasso. Que dados ele poderia esperar de um relógio sujo?

– Embora insatisfatória, minha pesquisa não foi totalmente infrutífera – observou ele, fitando o teto com olhos sonhadores e sem brilho. – Sujeito à sua correção, eu julgaria que o relógio pertencia a seu irmão mais velho, que o herdou de seu pai.

– Isso você crê, sem dúvida, pelo H. W. na parte de trás?

– Isso mesmo. O W. sugere seu sobrenome. O relógio data de quase cinquenta anos atrás, e as iniciais são tão antigas quanto o relógio: assim, foi feito para a última geração. Joias costumam ser passadas para o filho mais velho, que geralmente têm o mesmo do pai. Seu pai, se bem me lembro, faleceu há muitos anos. Assim, portanto, o relógio está nas mãos de seu irmão mais velho.

– Certo, até agora – disparei. – Mais alguma coisa?

– Era um homem de hábitos desordenados... muito desordenados e descuidados. Foram-lhe deixadas boas perspectivas, mas as jogou fora, viveu por algum tempo na pobreza, com

curtos intervalos ocasionais de prosperidade e, finalmente, dado à bebida, ele morreu. Isso é tudo o que posso presumir.

Saltei da cadeira e, impaciente, manquei pela sala, com uma considerável amargura no meu coração.

– Isso foi indigno da sua parte, Holmes – externei. – Não acreditava que você pudesse ter descido a esse ponto. Fez inquéritos sobre a história do meu pobre irmão, e agora finge deduzir esse conhecimento de alguma forma fantasiosa. Não espere que eu acredite que você leu tudo isso nesse relógio velho! É cruel, e, para falar francamente, tem um toque de charlatanismo.

– Meu caro doutor – redargui, gentilmente –, suplico que aceite minhas desculpas. Enxergando o assunto como um problema abstrato, esqueci-me como algo poderia ser pessoal e doloroso para você. Garanto-lhe, entretanto, que nunca nem soube que você tinha um irmão até que tivesse me entregado o relógio.

– Então como, em nome de tudo o que é maravilhoso, você conseguiu esses fatos? Estão absolutamente corretos em cada detalhe.

– Ah, foi sorte. Eu só pude dizer o que havia no rol das probabilidades. Não esperava de todo ser tão preciso.

– Mas não foi mero palpite?

– Não, não: eu nunca palpito. É um hábito chocante, até mesmo destrutivo para a faculdade lógica. O que lhe parece estranho só é assim porque você não acompanhou minha linha de raciocínio ou observou os pequenos fatos sobre os quais as inferências mais amplas podem depender. Por exemplo, eu comecei afirmando que seu irmão era descuidado. Quando se observa a parte inferior da carcaça do relógio, nota-se que não apenas foi amassada em dois pontos, mas foi cortada e marcada